

A VOZ DE

MELGAÇO



TAXA PAGA
MAXIMINOS - BRAGA
PORTUGAL

DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLIX — Nº 1026
1 de Abril de 1995

QUINZENÁRIO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 100\$00
Tiragem da última edição
1.700 exemplares


PORTE PAGO

Cultura em Melgaço

Miguel Ângelo Barros Ferreira, escritor



Com tambores e foguetes, com folclore e conjuntos tem-se efectuada a Festa da Cultura. Que cultura?

Em 1927 foi lançada a ideia de «Um Centro de Estudos em Melgaço», que não vingou.

Parece-nos, no entanto, que a cultura em Melgaço beneficiaria, em grande, da concretização desse sonho já distante no tempo! E, presentemente, há gente de Melgaço com capacidade intelectual para tornar esse sonho em realidade.

Até ao nosso século, o concelho de Melgaço não apresentou valores que se destacassem na História, nas Letras e nas Artes.

Existia «Uma visita ao real mosteiro de Fiães» (monografia) da autoria de Guilherme de Oliveira. Ainda no plano histórico, mas fixado na genealogia, Lopo de Castro escreveu «Descendência dos Castros».

Lopo de Castro era filho de Fernão de Castro, alcaide-mor de Melgaço, e de D. Joana de Azevedo. Casou com Isabel Soares. O trabalho «Descendência dos Castros» ficou manuscrito.

Nos últimos anos apareceram trabalhos históricos, literários e artísticos.

Referenciá-los-emos em ocasião e lugar mais oportunos.

Hoje queremos lembrar um notável escritor, filho de Melgaço, que as Autoridades olvidam, infelizmente.

É Miguel Ângelo Barros Ferreira, nascido na Vila de Melgaço e residente na cidade de São Paulo, Brasil.

Da sua pena de jornalista e escritor saíram 34 trabalhos, um conjunto maravilhoso de romances, novelas, contos e crónicas.

Hoje, porque diz respeito à nossa e sua terra natal, queremos referir-nos ao romance «Serra Brava», publicado em 1951 e que foi o enredo do filme que o cineasta Armando Miranda produziu.

Por que razão nos ocupamos, hoje, deste belo romance?

Presentemente uma onda avassaladora de fronteiras humanas e uma emigração tumultuária e desordenada ameaçam a estrutura etnológica e psicológica da nossa gente.

Todos reclamamos o respeito pela identidade das nossas terras e das suas gentes, agarrando-nos, ou devendo-nos agarrar, avidamente, ao que é a base da nossa identidade regional.

Ora o romance «Serra Brava», de Miguel Ângelo Barros Ferreira, é um trabalho literário valioso que nos permite conhecer o povo de Castro — a sua vida de trabalho doméstico, a sua psicologia, os seus costumes, a sua alma — no século vinte até ao momento da emigração maciça para a Europa.

A vida penosa do Castrejo, como aliás a do Concelho, mormente da parte serrana, é descrita ao vivo, a «viuvez» da mulher durante a ausência do marido, o recurso ao contrabando como base fundamental de sobrevivência, de rebanhos, etc, etc, tudo isto é um retrato vivo do castrejo, retrato bem aviado com os recortes psicológicos dos habitantes. Os Guardas-fiscais e os carabineiros são apresentados com o rigor que os caracte-

rizava e os contrabandistas surgem adestrados para os enfrentar, evitando-os.

Os novos não acreditam que tais coisas se passassem, há anos, na sua e nossa terra.

A acompanhar o retrato dos personagens, surgem a vila e as aldeias, as devoções piedosas, e as capelinhas, lugares e capelas que ainda existem.

Nem falta a Senhora da Peneda. Os trabalhos de história e de etnografia feitos sobre Castro Laboreiro, «Serra Brava» de Barros Ferreira completa-as com a alma autêntica do Castrejo.

Num período em que se recomenda que nos estabelecimentos de ensino se leiam e estudem os escritores regionalistas, julgamos indispensável o livro «Serra Brava» para conhecermos Castro e o Castrejo, que é parte integrante da vida histórica e social de Melgaço.

E estranhamos que um escritor melgacense, honrado e destacado no Brasil, não tenha recebido, ainda, a homenagem, que lhe é devida, por parte do Município e dos melgacenses.

Festa de Cultura? Que Cultura? Se os filhos da terra, que serviram a cultura do ambiente em que nasceram e cresceram, e em que vivemos, felizmente, são ignorados pelos responsáveis!

O Município e as nossas escolas estão em débito.

Lembramos que na cidade de S. Gonçalo, do Rio de Janeiro, o Município deu o nome de José Augusto Domingues, melgacense — Castrejo, a uma escola da cidade, em reconhecimento dos seus méritos profissionais ao serviço da cidade.

Miguel Barros Ferreira é ignorado pelos responsáveis, até, da sua terra natal. Nem sequer uma rua a recordá-lo. Nem sequer uma escola a honrar-se com o seu nome.

Talvez o escritor tenha aceitado a famosa expressão bíblica: «Ninguém é profeta na sua terra».

Miguel Barros Ferreira está presente com a sua obra literária e com a saudade, pois o confessa lapidamente com estas maravilhosas palavras, gravadas em seu livro «Serra Brava»: «A Vida é uma saudade de tudo o que amamos».

E Barros Ferreira ama esta sua e nossa terra e vive-a, em sua casa de S. Paulo, em saudade permanente.

Júlio Vaz

Jesus Pregado na Cruz

Flagelado e dilacerado na cruz,
Foi pregado Dulcíssimo Jesus
Por terríveis algozes
Fazendo-lhe sofrimentos atrozes,
Vis e satânicos momentos!

Em troca do Seu Amor
Quis sofrer tamanho horror,
Para salvar a humanidade;
Aquele Divino Senhor,
Que era Luz e Bondade!

E Jesus que era a Palavra,
Que era a pura verdade,
Que era farol e vida,
Continua a ser o sol
Que nos aquece e ilumina.

Graças Vos damos ó Pai,
Porque nos salvaste das trevas
E nos libertaste do pecado;
Sois o pão da vida que se deve comer
Para em santa paz se viver!

S'eleve aos Céus Vossa Majestade
Grandeza Suprema sem igualar!
Ó Cruz, doce lenho,
Que nos convida a adorar:
Sacratíssima Realeza!



Cantemos a Cristo Vitória,
Senhor da morte e da vida;
Bendita Sua Mãe querida!
«Alegremo-nos e rejubilemo-nos»
Jesus e Maria, nossa glória!

Maria da Graça L. Cruz

Linhas de acção no Mundo Escolar

Sua Exa. Rev.^{ma} o Sr. Bispo de Viana dirigiu Mensagem Quaresmal à Igreja Diocesana.

Porque o problema da cultura e da educação continuam na ordem do dia, transcrevemos da mensagem episcopal os parágrafos que se referem a esse momentoso problema.

«Linhas de acção no Mundo Escolar»

Em Portugal, e por isso também nesta Diocese de Viana do Castelo, preocupa-nos especialmente a desarmonia entre as várias dimensões da cultura na escola. A necessidade de conversão neste «tempo favorável» e o sentimento de solidariedade e de partilha que todos desejamos e certamente cultivamos dão-me ânimo para me dirigir a todos os responsáveis das escolas na área desta Diocese, professores e alunos, pais e encarregados de educação, bem como a todos os que estão investidos de responsabilidade política, cívica e social, no sentido de nos unirmos para debelar eventuais focos ou casos de analfabetismo, de

raiz crónica ou residual, e ainda no esforço comum para fazermos das escolas centros de formação global, equilibrada e harmónica. No respeito pelos direitos e consequentemente pelas ideias, modelos sociais e políticos, e sobretudo pelas convicções religiosas de todos, deseja a Igreja e pede o Bispo da Diocese que haja também, no que concerne a formação moral e religiosa dos educandos, o maior respeito pelas leis vigentes e pela consciência dos pais, pela instituição familiar e pelos direitos dos alunos, mesmo quando estes ainda não têm capacidade para os enunciar e fazer cumprir.

Pedindo aos pais e encarregados de educação uma maior responsabilidade, própria de uma consciência esclarecida e decidida, peço também aos Conselhos directivos e aos senhores professores, e particularmente aos senhores professores de Educação moral e religiosa católica e aos Rev.^{mas} párocos em geral, o maior empenhamento e solicitude nesta causa da escola e da formação, tão importante, hoje mais do que nunca, para a sociedade».

«Na Terra de Inês Negra» P.^o Júlio Vaz
Este livro está à venda na
«Gráfica Melgacense» de
Fabiano Costa

Da Vila e Concelho

Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. José António Douteiro (Neto), residente em Vila Formosa, Estado de São Paulo – Brasil.

Os nossos parabéns, com desejos de longa vida, no convívio de seus familiares e amigos.

Dr. António Vitorino Sousa e Silva

A fim de tratar de diversos assuntos, esteve entre nós, o nosso estimado assinante Sr. Dr. António Vitorino Sousa e Silva, Dg. Técnico Superior da Segurança Social na cidade de Braga, acompanhado de sua esposa Sra. Professora D. Ana Maria da Silva Barros Sousa e Silva e filhas, residentes na cidade de Braga.

A todos um abraço e os nossos cumprimentos.

Delegado de Vendas

A Empresa «DELPOREX, Lda., de nacionalidade holandesa, nomeou seu delegado de vendas, o nosso conterrâneo Sr. António Manuel do Paço (Tónio Isidro).

VENDE-SE

Casa de morada, no Lugar das Vinhas – Paços, c/ 1000 metros de logradouro, 2 quartos, sala de jantar, cozinha, quarto de banho, etc.
Preço 4.000,00\$000
Tratar pelos
Tels. 02-2082121/058-951349

Passa-se

Café, Snack-bar, bem situado na cidade de Braga. Motivo: Mudança de residência do proprietário

Telef. 051-42698
das 20 às 22 horas.

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 – 1º Dto
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

Compre agora e pague em 12 meses

em

Móveis Castelo

de:
Ramiro de Lima A. Cerqueira

Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada

Esta Empresa tem os seus armazéns na Lagoa em Monção e é denominada «Viveiros da Gafanha» em Aveiro (Comércio de Produtos Alimentares) com a maior gama dos seus produtos, como sejam as qualidades de peixe congelado: Linguado; Robalo; Trutas; Enguias e ainda marisco vivo: Sapateira; Lavagante; Lagosta; Ostras e outros.

Fornece todo o tipo de comércio e particulares.

Ao nosso amigo António, os nossos parabéns, com desejos de bons negócios.

Regresso de Inglaterra

Após ter passado cerca de dois meses na cidade de Yorke – Inglaterra, onde esteve de visita a seus familiares, regressou a esta vila a nossa conterrânea e estimada assinante Sra. D. Cordália Santos do Val.

Os nossos cumprimentos.

Aurélio de Magalhães Barros

Acompanhado de sua esposa Sra. D. Idalina Gonçalves da Silva Barros, esteve entre nós numa curta visita de poucos dias, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Aurélio de Magalhães Barros, Dg. Ajudante do Registo Civil e Predial aposentado, residente na cidade de Braga.

Ao nosso amigo e esposa, um abraço e os nossos cumprimentos.

Correspondente do Jornal «A Peneira» em Melgaço

Por despacho do Director do Jornal «A Peneira» de Pontearéias – Es-

panha Sr. Professor Guilherme Rodrigues Fernandez, foi nomeado correspondente em Melgaço o nosso conterrâneo Alfredo Lourenço do Paço, que também é nosso correspondente nesta localidade.

Com esta nomeação, fica o Minho e a Galiza, com melhores informações entre a população Luso-Galaica.

Ao novo correspondente de «A Peneira» (Jornal Galego de Informação Geral), apresentamos os nossos parabéns, com desejos das maiores felicidades, no cargo que acaba de assumir.

Dr. José Albano de Melo

Numa curta visita de poucos dias a seus familiares, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. José Albano de Melo, advogado em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Aniversário

Fez anos a Sra. D. Ivone Maria Alves Domingues, funcionária do Café-Bar (STOP) desta vila.

Felicidades a aniversariante, com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

Chaviães

É a freguesia dos Buracos. O senhor presidente continua no Erro: não manda colocar placas de indicação dos lugares, os buracos na estrada são como em parte de alguns caminhos públicos onde os tractores não podem circular.

A estrada do Viso ao cemitério é propriedade da oficina de automóveis,

onde diariamente estão estacionados automóveis (mal estacionados) ocupando a via pública num espaço de 100 metros. Um proprietário fez umas podas de árvores, deixando as polas na margem da estrada ocupando 50% da via pública, junto ao cemitério está mal estacionada uma viatura mesmo podre a ocupar a via pública há mais de 5 anos.

Em 1994 começaram as obras da água ao domicílio, obras de grande valor. Porque não o saneamento ao mesmo tempo? A água dá lucro mensal; o saneamento não.

Chaviães tem uma praça de Táxi há mais de 20 anos. Ou por falta de um parque de estacionamento ou por falta de uma placa a indicar o referido local Chaviães não chega a ver o referido Táxi ao menos 5 minutos por ano.

O Delegado P.S.D.

De Paderne A Homenagem ao Senhor Padre Albertino

Por iniciativa da Associação Cultural e Desportiva desta freguesia, foi colocada uma lápide no cruzamento da Portela, comemorativa dos 20 anos do seu falecimento, com a seguinte inscrição:

Ao Saudoso Padre Albertino
Homenagem dos seus parquianos
15 de Março de 1995

A lápide estava coberta com a Bandeira da Associação. Muito povo, que quis associar-se a esta homenagem. O primeiro orador a usar da palavra, foi o Sr. Presidente da Associação, que em breves palavras enumerou o significado daquele acto. Em seguida, (como não

podia deixar de ser) falou o Rev.º Dr. Carlos Nuno, que descreveu as qualidades do homenageado. As palavras do Rev.º Dr. Carlos Nuno chocaram muitas pessoas, que não resistiram às lágrimas. Com a morte do Sr. Padre Albertino, a freguesia perdeu um amigo, um padre inteligente, honesto e amado.

Em seguida, foi chamado para descerrar a lápide, o irmão do homenageado por ser a pessoa de família mais próxima.

Muitos aplausos, mas também muitas lágrimas de comoção e de saudade.

No final desta cerimónia, foi organizada uma «romagem» ao cemitério, onde não faltaram coroas de flores e palmas, em cima da sua campa.

Mas, melhor do que tudo isto, foi rezar pela sua alma, daquele que durante 15 anos, pouco mais ou menos, parou aqui esta freguesia, com muita dedicação e competência.

Que Deus lhe dê o eterno descanso.

O.C.

VIDA ELEGANTE Fazem anos no mês de Abril

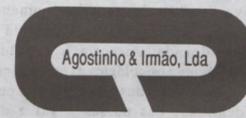
No dia 1, a Sra. D. Maria Cândida da Cunha Esteves de Sousa Menezes; no dia 2, a Sra. D. Maria Teresa Fernandes e o Sr. João Eugénio Lucena; no dia 3 as Sras.; D. Maria Isabel Salgado Fernandes, D. Amália Maria de Sousa Gonçalves, o Sr. Alberto Arnaldo Fundinho de Castro e a menina Ana Maria Silva Barros; no dia 5, as Sras. D. Graça Maria Gonçalves Cavalheiro da Costa, D. Maria Amélia Rodrigues Lopes, os Srs. António Bernardino, António Manuel Esteves e Armando Barreiros; no dia 6 a Sra. D. Maria Estela Esteves Gonçalves; no dia 7, a Sra. D. Ana Maria Peres Dias; no dia 8, as Sras. D. Maria Emília da Silva Calheiros, D. Maria Fernanda Domingues, D. Maria Beatriz Rodrigues de Sousa e D. Maria de Lurdes de Castro; no dia 9, o Sr. Eng.º Luis Manuel de

Cont. na pág. 3

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567



Agostinho & Irmão, Lda

Construção e venda de apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 – 1º – Sala 5
Telef. 612287

4700 BRAGA

Maria Carolina R.L.A. Dias de Castro

Agente distribuidora dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães
Telefs. 42302 / 43113 4960 MELGAÇO



Barros

Porto

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães
MELGAÇO



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói – aluga – compra
vende casas e apartamentos
qualidade, bom preço

Escrit. – Rua do Fujacal nº 20 – R/c – Telef. 73337
Resid. – Rua do Pinheiro, 113 – Nogueira – Telef. 683103 – BRAGA

Electrotécnica

António Solha & Irmão

~ Rádio
~ Instalações Eléctricas
~ Televisão
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294
4960 MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 – Tel. 214284
4700 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 – Fax 612008
4700 BRAGA

Assinatura anual:
2.250\$00

Cont. da pág. 2

Magalhães Fernandes Pinto; no dia 10, a Sra. D. Margarida Maria Dantas da Costa Afonso; no dia 11, as Sras. D. Noémia Alves Dantas, D. Maria Olinda Rodrigues Lopes, os Srs. João Francisco dos Santos Val, José Luis Almeida de Sousa e Luís Gonzaga Gonçalves Ribeiro; no dia 12, os Srs. Aurélio Ferreira Cardoso, António Maria Nunes de Freitas e a menina Diana Isabel Ribeiro Aguiar; no dia 13, a Sra. D. Maria da Glória Pinto Matos de Nunes Freitas; no dia 14, a Sra. D. Anesia Almeida Alves, os Srs. Prof. Manuel Augusto Vaz, Gilberto António Cardoso, Vítor Manuel dos Santos Val; no dia 15, os Srs. Norberto Nunes de Castro e Manuel José Igrejas; no dia 16, a Sra. D. Irene Pereira Esteves e o Sr. Abel Júlio de Melo; no dia 17, as Sras. D. Maria do Rosário Lima Pereira, D. Maria do Céu Dantas da Costa Afonso e o Sr. Anésio Augusto Fernandes; no dia 19, as Sras. D. Antonieta d'Ascensão Morais Azevedo, e D. Adelaide Gomes de Sousa; no dia 20, a Sra. D. Maria Fernanda dos Santos Vale e o Sr. Manuel Duarte de Almeida; no dia 21, a Sra. D. Genoveva de Fátima Vilas e o Sr. Domingos da Silva Teixeira; no dia 24, as Sras. D. Rosa Amália Gonçalves, D. Maria Angelina de Almeida Domingues, os Srs. Horácio César de Oliveira, Manuel António Golim e José Henrique Domingues; no dia 25, as Sras. D. Mariana Paula Cardoso e D. Maria Fernanda Vaz; no dia 26, as Sras. D. Maria Arminda da Cunha Esteves Marinho, D. Estelle Malheiro Maria e o Sr. António Luis Pereira (Roque); no dia 27, a Sra. D. Ilda do Céu Fernandes Rodrigues e o Sr. António Manuel do Paço; no dia 28, a menina Maria Nazaré Igrejas Rodrigues; no dia 29, a Sra. D. Maria Rosa de Sousa Lima Solheiro e a menina Angélica da Conceição da Silva Moura; no dia 30, as

Sras. D. Maria da Conceição Gonçalves, D. Maria Madalena Lima Pereira, os Srs. Francisco Augusto Igrejas Júnior, José Luís de Araújo Gonçalves e Arlindo Augusto Domingos Afonso.

AGRADECIMENTOS

Armezinda Glória Malheiro - Beleco/Paços

A família de Armezinda Glória Malheiro, vem por este meio agradecer publicamente a todas as pessoas que lhe apresentaram sentimentos por ocasião do falecimento da querida familiar e muito especialmente a todos quantos se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea - Melgaço

Júlio Augusto Rodrigues - Crastos/Paderne

A família de Júlio Augusto Rodrigues, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, apresentando-lhe sentimentos, estando presentes durante o depósito e sobretudo participando nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Maria Rosa Domingues - Felgueiras/Penso

Raquel e família, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

António Joaquim Fernandes - Nogueiral/S. Paio

A família de António Joaquim Fernandes, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, apresentando-lhe sentimentos, estando presentes durante o depósito e sobretudo participando nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

José Amorim - Assadura/Vila

A família de José Amorim, vem por este meio agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte do seu ente querido, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Esmeralda Domingues - Pomares/Paderne

A família de Esmeralda Domingues, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Elias de Jesus Domingues - Outeiro/Chaviães

A família de Elias de Jesus Domingues, vem por este meio agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte do seu ente querido, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Maria de Jesus Soares - Carpinteira/S. Paio

A família de Maria de Jesus Soares, vem por este meio agradecer a todas as

pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Venzinda de Jesus Domingues - Lourenços/S. Paio

A família de Venzinda de Jesus Domingues, vem por este único meio agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte da sua ente querida, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Funerária Mira

Santa Casa da Misericórdia Assembleia Geral

Realizou-se no dia 18 do mês passado, a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia, convocada para apreciação e votação das contas do ano anterior, as quais foram aprovadas por unanimidade.

A mesa que presidiu aos trabalhos, foi constituída pelo Presidente, secretariado por Henrique Gomes e Mário Secundino Cerdeira. Foi lida a acta da reunião anterior, que foi aprovada por unanimidade.

O Presidente falou das obras da creche e do jardim, em andamento, nas quais a Santa Casa participa com 25 por cento.

O irmão Amadeu Abílio Lopes, que não pôde comparecer, enviou uma carta em que louva a Direcção por haver criado um jardim de infância ao lado do «velhinho»

Na Assadura, Vila de Melgaço

Vendo propriedade, composta por: Vivenda, semi-nova, e terreno anexo, de cultivo, excelente para possível plantação de Alvarinho ou construção, tudo com cerca de 8 mil metros quadrados.

A situação é óptima, as vistas são excepcionais e panorâmicas. Só visto!

Propriedade com o perímetro todo vedado a 2 metros e trinta centímetros de altura com a parte principal para a estrada nacional e com água potável corrente de mina própria.

Contactar o proprietário, pelos telefones:

Todo o dia - Tel. 42515 - Melgaço

A partir das 19 horas - Tel. 42536 - Melgaço

Braga - Tel. 215652

Vila Prala de Âncora - Tel. 951119

Dra. Maria Cândida Fonseca

ADVOGADA

ESCRITÓRIOS:

MELGAÇO: Largo Hermenegildo Solheiro • Telefone e Fax 44420

PORTO: R. do Cídal de Baixo, 6 - 1ª • Telefone 317200



António Medela, Lda.

COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA

Carvalho do Lobo - Roussas • Tel. 45316 (fim de semana)
4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & C^a, LDA

Construções de Prédios para Venda
Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

Escritório
AVENIDA CENTRAL, Nº 54 - 1ª

Telefones
27256 / 25185

Laboratório Dentário de Melgaço



Na antiga Casa do Povo - Loja Nova

Oferece-lhe agora, a preços excepcionais e com desconto de 10%: Próteses acrílicas, fixas, ortodonzias e esqueléticas.

Consultas: terças e sextas. Sábados (durante a manhã).

Conjunto Musical

Contacto

O REGRESSO DO VELHO SENHOR

Telef. (051) 42651 - 658 • 4960 MELGAÇO

COMPANHIA DE SEGUROS



FIDELIDADE S.A.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Mediador: Anselmo Manuel Malheiro

Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO
Escrit. Tel. 44031 - Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

Vende-se Apartamento

Perto da Universidade do Minho com vista para o Sameiro e Bom Jesus, T3 com terraço 100 m² e garagem individual.

Telef. 053-70697

BRAGA

Bento Gomes

Materiais de Construção Civil

Telef. 42113

4960 MELGAÇO

Manuel Luis Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:
CELA-ROUSSAS • 43191
4960 MELGAÇO

CARTAS AO DIRECTOR

Recebemos as cartas, que a seguir publicamos. Uma vem do Seixal, a que é assinada por Manuel José Pereira; a outra é de Melgaço. Merecem reflexão atenta de todos os melgacenses.

Exmo. Sr.
Director de «A Voz de Melgaço»
Largo de Senhora-a-Branca
4710 BRAGA

Desejo as maiores prosperidades para V. Exa., como para o jornal. Agradeço que publiquem este meu artigo, se possível.

Há dias passei pelo Peso e fiquei muito triste em ver aquele Nicho na Barqueira todo a cair. Lembro-me de quando tinha 18 anos e passava por lá aos Domingos, o local estava sempre cheio de mocidade. Quando fomos para a Vila e chovia, era ali que nos recolhíamos.

Apelo por este meio à Junta do Culo ou Junta de Freguesia para procederem ao arranjo do dito Nicho.

Recordo-me, nos anos cinquenta, de que os hóspedes que estavam nos hotéis do Peso vinham até ali passear e via alguns tirarem fotografias para recordações. Era bom preservarmos aquilo que os nossos antepassados nos deixaram.

Também não sei de quem foi a culpa, mas de alguém foi: vejam aquele troço de estrada que vai do Hotel Ranhada até às Águas, e que foi feito relativamente há pouco tempo e já está naquele estado deplorável. Quem viu o Peso há 40 anos e o vê hoje tem muitas saudades. Devíamos desenvolver as potencialidades da nossa Terra e as Águas do Peso são uma das maiores potencialidades que tem o nosso Concelho, pelo que deveriam ser preservadas.

Atenciosamente
Manuel José Pereira

Terça-Feira de Carnaval de 1995
Exmo Sr.

Director do Jornal
«A Voz de Melgaço»

Dia maravilhoso! Com sol descoberto e bem quentinho, o que permita nesta época do ano andar de casaco coberto pelas costas.

Este dia, segundo tradições populares, é um dia estremado, não é dia santo, mas é

o dia destinado aos fúliões a nível internacional. Agarrado a elas, não resolvi associar-me a elas, mas pensei ir dar um passeio com uns amigos.

Pensamos ir tomar um café a Castro Laboreiro, pois, como no início foquei, o dia convidava. No regresso viemos pela estrada que liga Alcobaca a Fiães, cheguei a arrender-me, porque está bastante danificada. Acabei satisfeito, porque descobri coisas que ainda não conhecia e que muito me sensibilizaram. Quando chegámos a Fiães, vindos dos lados da Adedela, a primeira casa com que deparámos foi a residência Paroquial. Ali parámos, saímos do carro, olhámos de cima abaixo o emigrante, que já conhecia. O que me admirou e surpreendeu foi o busto que os paroquianos de Fiães levantaram em frente da casa ao Padre Manuel Lourenço.

Fiquei comovido por ver o amor, o carinho e a dedicação que os habitantes dessa freguesia dedicavam ao seu pároco.

Bem hajam pela sua iniciativa!

Estes tiveram iniciativa e agiram, puseram em prática, mas outros, como os paroquianos de Rouças, pensaram em levantar em Santa Rita um busto ao Padre Carlos Vaz e foram recolhidos donativos para esse fim, mas os paroquianos nunca tiveram o prazer de ver o busto do seu pastor ali levantado.

Que fizeram aos donativos recolhidos?

O povo ainda não se esqueceu da promessa.

Será que chegarão a ver o busto? Ou deram uma esmola desnecessária?

Com os meus respeitosos cumprimentos,

Zé do Buraco

CONTRASTES IMPRESSIONANTES...

Duas Câmara municipais – a de Baião e a de Melgaço – e que contraste entre elas!...

Fala-se muito, depois de se falar em «liberdade» e «democracia», em transparência e objectividade.

Ora, como um dos instrumentos da transparência do trabalho de qualquer organização, são os órgãos de Comunicação Social, resolvemos levar aos leitores de «A Voz de Melgaço» realidades que contribuem para o esclarecimento dos cidadãos e, ao mesmo tempo, lhes permitem intervir na análise política, económica e social com realismo desapassionado.

Para hoje, escolhemos Baião, um concelho como o nosso, do interior, e com as mesmas dificuldades. Em Baião procura-se vencê-las com o maior respeito possível à seriedade, à honestidade administrativa, e com a preocupação de não fazer da Câmara, local de colocações, ou seja de clientelismo, como agora se diz.

A população de Baião e de Melgaço, como concelhos, deve ser muito aproximada.

Baião é muito conhecido, no plano cultural, por causa da casa de Tormes, a casa do famoso escri-

tor português Eça de Queirós, de que os seus herdeiros fizeram ultimamente uma Fundação.

Há pouco mais de um ano é Presidente da Câmara Municipal de Baião, a Dra. Emília dos Anjos Pereira da Silva, eleita pelo Partido Social Democrata. É médica-cirurgiã, casada e com dois filhos.

O Partido Socialista administrou o Concelho durante três mandatos consecutivos.

A Presidente da Câmara Dra. Emília suspendeu a sua actividade médica para «trabalhar por Baião».

Quando assumiu a Presidência da Câmara, «a autarquia de Baião tinha no fim do ano de 1993 uma dívida de um milhão de contos».

Surge aqui o primeiro contraste entre Baião e Melgaço: em Baião os municípios sabem quanto é que a Câmara deve, em Melgaço sabe-se que a Câmara tem dívidas, mas o Presidente da Câmara nem aos vereadores revela o montante.

E isto passa-se em Melgaço, onde a Câmara é socialista, e nem sequer respeita o líder socialista, An-

Cont. na pág. 5

O Filmezinho

(a cena passa-se nos subúrbios do edifício Barreiros onde escorre o velho regato que dá nome a uma das ruas mais turísticas da vila)

Manelizinho – Que pescas Luizinho?

Luizinho – Peixe rato!...

Manelizinho – Peixe rato?!

Luizinho – Sim, não vês? Re-

para: coloco uma cabeça de sardinha no anzol, atiro-o para o meio

do lixo e, em 2 segundos, tenho uma rata cá fora!

Manelizinho – E que fazes tu à ratas? Come-las?

Luizinho – Comê-las?! Não. Esfolo-as, seco as peles, demolho-as em lexívia pura e exponho-as na Festa da Cultura... Sempre é diferente!

Arminhos do Rio do Portol

Antão Castro

Lisboa, Março 1993

VENDE-SE

Casa com garagem, quintal e água própria, tem alvará para qualquer género de negócio.

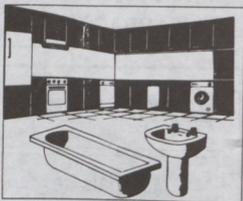
Falar Telef. 416693

Vende-se

Casa de morada, com quintal e dois poços de água, na Avenida das Tílias.

Contactar pelo Telef. 42732

António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,
MOZAICOS,
LOUÇAS SANITÁRIAS,
BANHEIRAS,
TORNEIRAS, ETC.

R. dos Galvões «Viv. Rosita e Oliveira» – Catujal
Telef. e Fax 9412664 • Telemóvel 0676 - 451921
2685 SACAVÉM – Armazém nas Trazeiras

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas:
AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650 • 4960 MELGAÇO



Hotel Carandá

Praceta João XXI — 4700 Braga
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga
Tel. 61 45 00 - Telefáx 77030

Proprietário e Administrador:

Manuel Rodrigues

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade
de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO

Agência Funerária Orquídea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transferências para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente

Contacte-nos pelos telefones:

Diurno: em Melgaço = 43048

Nocturno: em Alvaredo = 416037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA



Campas em Granito e Bronzes

Arte Funerária

Rua Dr. António Durães

DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luís Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

CONTRASTES IMPRESSIONANTES...

Duas Câmara municipais - a de Baião e a de Melgaço - e que contraste entre elas!...

Cont. da pág. 4

tónio Guterres, que prega e reclama transparência na vida pública!... E como não se pode administrar com eficiência uma casa particular, uma empresa, uma Câmara ou um País com dívidas avultadas e a crescer, a Dra. Emília dos Anjos Pereira da Silva começou por reduzir as despesas.

Quais e como? Ela própria o disse ao Canal 1 da Televisão, quando a entrevistou: que prescindiu de assessor, de vereador a tempo inteiro e de secretário para o exercício das suas funções. E não se ficou por aqui: despediu o motorista, pois conduziu, ela, o carro ou anda a pé, substituiu o carro a gasolina por carro a gásleo; dispensou o secretário e é ela, própria, que sai do seu gabinete e chama as pessoas que se encontram na sala de espera; e controla as chamadas telefónicas.

Que comentário faremos a estas realidades? Corroboramos o comentário que, a este respeito, fez o nosso colega de Monção, a «Terra Minhota»:

«Que belo exemplo o desta Senhora, com letra maiúscula, que tão bem sabe administrar os dinheiros públicos, dinheiros que afinal são dos contribuintes, de todos nós!

Esta a lição maravilhosa de uma Senhora, que suspendeu a sua actividade profissional, para se dedicar inteiramente ao concelho de Baião!

Esta a lição de uma Senhora que se preocupou, à entrada, em tentar eliminar a dívida da mesma Câmara, não crucificando os credores!

Esta a lição de uma Senhora que sacrificou a sua vida profissional e que arrasta com todo o trabalho da Câmara para desencravar a mesma Câmara da dívida contraída e poder promover o Concelho!

Não se aproveitou da autorização legal no que respeita a assessores e vereadores, afastou-os, assumiu, por inteiro, o trabalho para que haja possibilidades reais para o progresso do Concelho de Baião. Dizem-nos que na Câmara de Melgaço há todo o pessoal que a lei lhe permite: dois vereadores a tempo inteiro e assessor...

Sabe-se que a Câmara está endividada, embora se não saiba o montante exacto da dívida, em parte devido ao facto de a Câmara a não revelar oficialmente.

Não sabemos como conciliar tanto funcionário com o trabalho de uma Câmara rural, cuja população concelhia é diminuta.

Em chegando aqui recordamos um facto histórico, vivido numa casa fidalga das margens do Rio Douro.

Conheço descendentes dessa casa, da qual, um dos Senhores, se distinguiu na famosa batalha de Alcácer Quibir.

Um dos antepassados comprometeu excessivamente a Casa, que já herdara em perigo.

Casou com uma mulher do campo, como ela dizia, de «lenço na cabeça». Não, de chapéu.

Face à gravidade da situação económica, pediu à mulher que assumisse a administração.

E assumiu com realismo. Suspendeu compras nos comércios, e passou a viver só do que a terra produzia; acabou com festas e jantaras; eliminou os «amigos» da casa, os comilões.

Passados meses, estava tudo em ordem. E então voltou a entregar a administração ao marido.

Baião dobra-se sobre o Douro, e regista que uma Senhora dessa mesma zona, levou para a Câmara a lição da «mulher de lenço» que dizia ao marido: «Tu tens brasão, mas fui eu quem o limpou».

Mas para se proceder assim é preciso ter respeito pelo cargo que se desempenha e pelos direitos das pessoas. E é preciso ter personalidade e coragem com sentido nobre de sacrifício. É necessário viver para o bem estar dos demais e não para vaidades pessoais ou de ideologias.

A famosa Thatcher, que presidiu ao governo britânico, durante anos, afirmou em entrevista: «Quem sabe administrar a sua casa pode administrar o País».

Contrastes dos nossos dias!

Júlio Vaz

«É assim na Câmara»

A «Tribuna Pacense» trouxe na secção «Tribuna Autárquica» este comentário:

«O que é preciso é «folclore»: exposições para ninguém, talvez para ocupar as pessoas contratadas... Honestamente o Sr. Presidente não concorda e já o disse. E mais gente da maioria, mas... por solidariedade partidária estão calados. Babinho vão pensando: 200 contos por mês e uns almoços para folclore e para o que é preciso não há gente: Todos sabemos fazer contas: 80 h/mês x 12 meses = 960 horas x 2000\$/hora = 1920 contos + IVA = 2227 contos anos. Onde está o trabalho?»

Há quem tenha assessores. Já assim era anteriormente; às vezes mais pareciam damas de companhia!

É assim na Câmara de Paços de Ferreira».

«Férias em Acção»

É um programa dos Serviços do Desporto Escolar do Centro de Áreas Educativas de Viana do Castelo. O projecto decorre em dois períodos e destina-se a todas as Escolas dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e Secundário.

As candidaturas podem ser feitas no Centro de Área Educativa de Viana do Castelo.

Pagamento das contribuições à Segurança Social

Este pagamento efectua-se do dia 1 ao dia 15 de cada mês.

Neste mês de Abril, como esses dias coincidem com as Festividades da Páscoa é conveniente que os interessados procedam à liquidação das contribuições com mais antecedência.

CENTRO COMERCIAL EUROPA

Na Cidade Nova em Valença, encontra-se em construção o maior Centro Comercial do distrito de Viana do Castelo.

O Centro Comercial Europa tem 2 frentes - para o novo campo da feira e para o mercado municipal.

O Centro Comercial Europa foi criado para lhe proporcionar toda a comodidade e conforto para um dia de lazer.

LOJAS PARA VENDA DE TODOS OS TAMANHOS CONSULTE

G&M GOMES & MALHEIRO, LDA.

Na Cidade Nova, prédio de vidro, piso 6
Telefone 824530 - VALENÇA

Vende-se

Casa de morada e campos c/ 6.000m², com água de rega, própria para vinha, na Breia - Prado, junto à Estrada Nova.

Tratar c/ José Rocha Galvão
Vila de Melgaço



MÁRIO GONÇALVES

CARPINTARIA E CONSTRUÇÃO CIVIL

Soalhos, forros, vistas, rodapés, portas, janelas, aros, escadas, cozinhas, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

FORNECIMENTO E COLOCAÇÃO

Rua Fonte da Vila • Telefone 44482 • 4960 MELGAÇO

Serralharia Artística CODY

Portas • Caixilhos
Marqueses

(Tudo em Alumínio anodizado)

de: Carlos Alberto Codesso

Granjão - Pademe - Telef. 42244
4960 MELGAÇO



CONSTRUÇÕES

Adelino Medela e Filhos, Lda.

«Orgulhamo-nos do que construímos»

CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO

Visite-nos na: Av. Norton de Matos, 32 - 1º Dto. - Sala F • Tel. 618525
(Frente aos Correios no Largo dos Penedos) 4710 BRAGA

DAÑIEL VIDAL

- Tacos • Parquês • Lamparquês •
- Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •
- Cortiças •

Fornecimento e Colocação

Agente das Tintas Garpintex

Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

Mirafior

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroas, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 - Melgaço



MINHOINVESTE - NO TOP DA CONSTRUÇÃO

João da Costa Pereira de Macedo • Ferreira Dias & Oliveira, Lda.

CONSTRUIMOS E VENDEMOS COM QUALIDADE SUPERIOR
HABITAÇÕES • LOJAS • ESCRITÓRIOS

- «Terraços do Bom Jesus» — Rotunda do Feira Nova — Braga
- «Edifícios Casa Nobre» — Av. 31 de Janeiro — Braga
- «Parque Residencial do Alcaide» — Junto ao Governador Civil — Braga
- «Parque Residencial Monte Carlo» — Rua de Santa Margarida — Braga
- «Edifício Zende Palace» — Esposende

Escritório: Av. da Liberdade, 498 - 1º Esq. • Telef. 26535 - 616424 • 4700 BRAGA

PARA A HISTÓRIA DE MELGAÇO

Viva a República!

No dia 1 de Fevereiro de 1908 teve lugar no Terreiro do Paço, em Lisboa, o regicídio, que vitimou o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe. A monarquia agonizava.

D. Manuel II, apenas com 19 anos de idade, e sem qualquer experiência política, nada podia fazer: a monarquia, dois anos depois, era já um cadáver!

Na manhã de 4 de Outubro de 1910, os navios de guerra Adamastor e São Rafael iniciavam o bombardeamento do Palácio das Necessidades, onde se encontrava o jovem rei.

Paiva Couceiro pelo regime monárquico, e Machado dos Santos comandando os revolucionários na Rotunda, foram os heróis.

No dia 5 de Outubro, e já com a família real a caminho do exílio, os republicanos formam um Governo Provisório, presidido pelo Dr. Teófilo Braga, com atribuições de Chefe de Estado.

Contra ventos e mares, e pelo meio a grande guerra de 1914-18, a 1ª República lá se foi aguentando até 28/05/1926.

Melgaço, tão longe das cidades, concelho rural, não possuía grandes tradições de lutas pela mudança de regime: república ou monarquia tanto se lhe dava. A confirmar isso mesmo está o fraco resultado das eleições de 1891: o partido republicano teve somente 94 votos! O ultimato inglês não chegara aqui!

Mas também, ao fim e ao cabo, quem mandava era a fidalguia, os proprietários ricos, os «dons» — sempre os mesmos! O pobre cavador, os mal remunerados funcionários públicos, os pastores das montanhas, limitavam-se a dobrar a cerviz ao senhor, ao amo todo poderoso. E tão flagrante isto era que apenas no dia 8 de Outubro o Sr. Francisco (1), vice-presidente da Câmara e comerciante, ao passar por um grupo de jovens folgazões, apanha com a pergunta:

— «Senhor Francisco! para onde vai fugido? para as Carvalhiças?»

— «Para a Câmara vou, rapazes, proclamar a República. Não queires vir?»

Como se nota, não existe nenhuma emoção, nenhuma alegria; antes pelo contrário, é a indiferença e a ironia que sobressaem deste pequeno diálogo.

A acta elaborada após a sessão desse dia é de uma enorme hipocrisia. Nela se regista: «Pelo meritíssimo presidente foi dito que o fim desta sessão já de todos é conhecido — a proclamação da República Portuguesa...» E mais adiante: «Unanimemente foi dado um voto de louvor ao governo provisório e aos promotores da implantação da Liberdade!» Assinam: Francisco Pires, António Carlos Esteves, Francisco Caetano de Sousa, José

Cont. na pág. 7

Opinando sobre Regionalização

Um destes dias, quando viajava no meu automóvel, ouvi uma das rádios mais sintonizadas deste País, num programa onde interveio um Senhor deste Portugal, um homem respeitado e admirado por muitos, pelas suas posições firmes e sempre em prol da justiça e dum estado de direito.

Esse homem de H muito grande, é o chefe máximo da Igreja Católica na Diocese de Setúbal, é o Sr. Bispo D. Manuel Martins.

Este alto membro da Igreja, com a frontalidade, que lhe é habitual, respondeu às várias perguntas dos jornalistas, não se furtando a abordar os temas, mesmo os mais delicados.

Essa sua postura que eu tanto aprecio, inspirou-me para escrever este pequeno artigo, para juntos refletirmos um dos pontos quentes da nossa actualidade política e social.

Quando questionado a pronunciar-se à cerca da Regionalização, o interlocutor não se coibiu de pegar o touro de caras, sendo bem elucidativo, quando disse:

— A regionalização a fazer-se é criar mais condições para satisfazer algumas vontades e instalar mais alguns políticos nos postos mais apetecidos, bem remunerados, gozando de todos os prazeres que as suas posições lhes proporcionam.

Está certo, totalmente certo o Sr. Bispo. Um País como Portugal, com um território de dimensões exíguas, sem grandes fracturas sociais, políticas, religiosas ou territoriais, não pode d'alguma forma ser dividido ou regionalizado, criando bairrismos fúteis, estéreis e desnecessários. Com o País dividido em regiões administrativas, não levaria à disputa desleal das obras, dos orçamentos e das benesses do poder?

Descentralização, mas regionalização a qualquer preço, nunca.

O País pode e deve desenvolver-se nos moldes actuais, desde que se-

jam aplicadas as terapêuticas certas, consentâneas com as maleitas de que o País vem sofrendo. O País precisa de dinamismo, concentração de esforços e meios, para atingirmos o fim desejado para todos os territórios nacionais, do Minho ao Algarve, da Madeira aos Açores.

Descentralização implica mais poder, mais meios, mais autonomia, mais iniciativa, não aumentando custos, nem mais cargos políticos.

Descentralização é beneficiar as regiões, desde que o poder central acompanhe e dinamize as iniciativas locais ou regionais, a cada momento, independentemente da cor política ou região do País, onde essas iniciativas se desenvolvam.

Todavia, a descentralização, também implica mais responsabilidade, mais competência, mais espírito de iniciativa, e esses são atributos que não faltam no nosso País e nos mais variados domínios.

Portugal é um País de brandos costumes, Portugal é um País de gente que sabe o que quer, Portugal foi grande no passado, movendo-se com enorme vontade por esse mundo além, muito melhor se sentirá dentro dum espaço diminuto, confrontado com a imensidão territorial que já possuiu de si próprio, e de muitos dos actuais países europeus, nomeadamente a nossa vizinha Espanha, que mesmo assim, tem sentido enormes dificuldades para levar a bom porto e com algum sucesso esta causa da regionalização, tão propalada entre nós.

Entretanto, com a decisão do actual Sr. Primeiro Ministro, professor Anibal Cavaco e Silva em colocar uma pedra na ideia da regionalização e apontando todas as razões mais importantes que o levaram a tal medida, acabaram-se de vez todas as dúvidas, e tudo o que se possa dizer pelo contrário, será autêntica demagogia e caça ao voto em futuras eleições.

Não creio que o Sr. Professor Ca-

vaco e Silva tenha tomado tal decisão, sem ter aprofundado, ao máximo, todos os estudos possíveis, para se pronunciar em definitivo, à cerca de tão delicada questão.

Quem o conhece de 10 anos de governação, pensará de certeza como eu. O Sr. Primeiro Ministro em tudo o que faz e diz pode errar, mas sempre depois dum estudo profundo e até à exaustão. Quem como ele, que já se despediu de Primeiro Ministro de Portugal em Outubro próximo, não iria para diante com uma regionalização, que lhe daria uma capitalização de votos suficientes para o seu Partido atingir uma terceira maioria absoluta?

Porém, mais uma vez o Sr. Professor Cavaco e Silva pós de lado o seu Partido e a si próprio, tendo sempre na sua mira os superiores interesses do País e dos portugueses. Isso é governar, isso é responsabilidade, isso é competência, isso é honestidade, isso é a seriedade ao Serviço da política.

Ao contrário, outros, segundo se lê e ouve, se tivessem a possibilidade de chegarem a Primeiro Ministro de Portugal, só para satisfazerem as suas inúmeras promessas, fariam tudo para uma regionalização em tempo record.

Portugal é pequeno de mais para ser dividido. Tenham bom senso aqueles que por força dos votos das eleições legislativas de Outubro próximo ocupem as cadeiras do poder e esses deverão ser aqueles que mais garantias possam transmitir aos portugueses.

Portugal não precisa de ser dividido, Portugal necessita é de ser governado com muito dinamismo e com muita vontade de fazer sempre mais e melhor, para todos os habitantes deste País.

Braga, 7 de Março de 1995

António Vitorino de Sousa e Silva

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Transferências em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

Casa Paris

Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobres • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.ª Júlia Eduarda Dias Ferreira

EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

MELBRILHA

A MELBRILHA convida-o a efectuar um contrato anual de manutenção e limpeza da sua casa e jardim

Disfrute da Natureza e deixe que nós tratemos da limpeza do seu lar, porque nós defendemos o ambiente



LIMPEZA EM:

- ✓ Serviços Públicos e Comerciais
- ✓ Andares em prédios acabados de construir
- ✓ Tratamentos de Pisos - Mármore, Tijoleiras e Madeiras
- ✓ Residências Particulares

SEDE PROVISÓRIA: Rua Velha s/ nº - 1º Dto. • Tel. 43111 • 4960 MELGAÇO

Santa Casa de Melgaço

Em 1957, o Dr. Augusto César Esteves, escreveu o livro intitulado «Santa Casa de Melgaço». Foi um dos vários livros que ele escreveu sobre a história de Melgaço e seu concelho. Este livro, embora mencione no seu catálogo todos os provedores até 1945, ano da posse do provedor Dr. Júlio de Lurdes Outeiro Esteves, nada diz da acção dos dois últimos provedores.

No número 7 verso e 8 do livro número 14 encontra-se exarado um auto de posse e entrega datado de 3 de Janeiro de 1943, em que a Mesa da provedoria do Dr. João de Barros Durães, faz entrega à Mesa da provedoria do Dr. Augusto César Esteves, dos destinos da Santa Casa de Melgaço e seu hospital. Desta Mesa Administrativa faziam parte os senhores: Dr. Júlio Lurdes Outeiro Esteves, secretário; Aurélio de Araújo Azevedo, tesoureiro; Álvaro de Sousa, José Joaquim de Almeida, Secundino Augusto da Cunha e José Maria Pereira, vogais da Mesa.

Em 4 de Abril desse mesmo ano, o senhor provedor comunica à Mesa que o Santo Lenho não se encontra no seu lugar, e esclarece

que tinha desaparecido na provedoria anterior num dia em que houvera duas festas no concelho (hoje não causava admiração porque, principalmente no mês de Agosto, aos Domingos, não há duas festas mas 8 ou mais). É de esclarecer que nesse tempo o Santo Lenho da Misericórdia era emprestado para quasi todas as festas do concelho. Este Santo Lenho fora oferecido pelo governador do castelo, Eleutério Correia de Lacerda, sendo provedor no ano de 1667.

Em 1 de Agosto do mesmo ano de 1943, o abade de Chaviães, P. António Domingues, comunica à Misericórdia que o Santo Lenho se encontra na residência do abade de Cubalhão. No entanto, só foi entregue à madre superiora do hospital da Misericórdia, em 3 de Julho de 1944.

Neste ano de 1943, a Mesa da Santa Casa vê-se na necessidade de reparar a cornija do lado sul da Igreja da Misericórdia por ter caído.

Foi também em 1943 que teve início a entrada de Senhoras para irmãs da Misericórdia, a partir de

Março do citado ano. Até aí a irmandade era composta só de homens, embora as esposas tivessem algumas regalias.

Assim entraram para irmãs as senhoras: D. Esmeralda Esteves, D. Anésia Esteves da Cunha, D. Luisa Teresa de Sousa Viana, D. Luisa Sampaio Fernandes Esteves, D. Aida Esteves dos Santos Lima, D. Sérgia Anguiano de Magalhães, D. Gerónima Rosa de Sousa, D. Sara Barros de Araújo Azevedo, D. Rosa Hermínia Rodrigues dos Santos Lima, D. Maria Hermínia Rodrigues Pereira, D. Marcelina Rosa Quintela e, já em 1944, D. Júlia Cândida Esteves e sua irmã D. Maria Amélia Esteves.

Em 2 de Julho de 1944, o provedor informa que na Eira de Eiró, pertença de vários herdeiros, há um canastro que pertence à quinta da Eiró, como consta na escritura de doação feita à Misericórdia e que o caseiro, Bernardo, não entregou as chaves quando deixou de ser caseiro da quinta, intitulando-se seu dono. Foi deliberado intentar acção de reivindicação.

Em todos os tempos, infelizmente, houve sempre quem se quisesse apossar de bens da Santa Casa, que tanta falta lhe faziam para acudir aos necessitados. Nesse tempo a Misericórdia não só dava assistência no seu hospital (Domus Caritatis) como ainda pagava receitas a pessoas pobres para levarem os medicamentos das farmácias. Lembro-me de ter visto pessoas à procura dos

PARA A HISTÓRIA DE MELGAÇO

Viva a República!

Cont. da pág. 6

Augusto Pires, António Xavier Ribeiro de Figueiredo e Castro.

Todos, ou quase todos, monárquicos! Vira-casacas? Camalões? Nem por isso, pois eles não precisavam de camuflagens, de mudar de ideias políticas, para estarem ao leme da governação concelhia.

Só dois dias mais tarde, portanto em 10 de Outubro «... uma comissão improvisada de republicanos subiu as escadas dos mesmos paços do concelho...», ou seja: os «republicanos convictos» aguardaram uma porção de dias para se deslocarem à sede do Município a fim de tomarem posse daquilo que legalmente lhes pertencia: o poder!

A acta saída dessa sessão extraordinária é por demais elucidativa:

«... aberta a sessão pelo cidadão presidente foi dito que propunha se telegrafasse ao Governo Provisório da República e ao Governo do Distrito, dando-lhes conhecimento que a comissão republicana assumiu desde hoje a gerência dos negócios municipais deste concelho, manifestando o regozijo que o povo republicano do concelho manifestou, assistindo com grande entusiasmo ao acto da posse...» Assinam: João Pires Teixeira (2), João Eugénio da Costa Lucena, Justiniano António Esteves, Manuel José Domingues, António Xavier Ribeiro de Figueiredo e Castro!

«Regozijo», «povo republicano», «grande entusiasmo»...

Tanas e babanas! Verdade, verdade, é que a mudança de

regime não melhorou substancialmente a vida dos melgacenses pobres: continuaram a servir os mesmíssimos senhores, a emigrar como antes o faziam, a trabalhar de sol-a-sol por uma mancheia de nada.

Em 1911, e com o objectivo de mostrar que afinal de contas existiam alguns bons republicanos, organizou-se uma «... luzidia "marche aux flambeaux"», presidida pelo Dr. José Joaquim de Abreu, integrada nos «... festejos da comemoração — cortejo entusiástico que, entre vivas e cânticos, percorreu as ruas da Vila e vitoriou, aclamou e consagrou os heróis da revolução».

Levaram tempo a compreender que a monarquia tinha perecido; levaram ainda mais tempo a entender que as revoluções ganham-se ou perdem-se em momentos, tendo em conta, contudo, que elas vêm sendo preparadas com anos de antecedência.

Os republicanos melgacenses portaram-se como São Tomé: «ver para crer!»

Melgaço estava verde, muito verde, para o republicanismo em 1910! Não obstante esta conclusão, espíritos novos surgiam, cheios de fé num mundo diferente e desejosos de construirem a utopia, ou seja: o mundo ideal, mundo onde todos caibam!

Não fora a grande guerra de 1914-1918, e as lutas partidárias fratricidas, e ter-se-ia sem dúvida realizado o sonho dos primeiros republicanos: no campo da saúde, da educação, da habitação, dos transportes, da industrialização, etc, etc.

De qualquer modo, devemos prestar-lhes homenagem porque o sonho é como a semente: germina quando as condições lhe são favoráveis. Tal como aqueles estudantes de Direito (mais tarde os famosos juristas Drs. António Durães e Augusto César Esteves), gritemos bem alto:

Glória a Melgaço!
Viva a República!

(1) Acerca dele falei oportunamente.

(2) Presidente da Câmara de 1910 a 1925!

Saudações amigas
Joaquim A. Rocha



NÃO FAÇA MAIS CONTAS À VIDA!

CONTA INVESTIMENTO

RAIZ TESOURARIA • RAIZ RENDIMENTO

A Conta Investimento faz as contas por si. Aplique as suas poupanças nos Fundos Raiz Tesouraria e Raiz Rendimento e colha os seus frutos na melhor altura. Consulte já a sua Caixa de Crédito Agrícola... Porque as boas contas fazem os bons amigos!




“O Adérito”

António Adérito da Costa

SERVIÇOS DE CASAMENTOS • BAPTIZADOS
COMUNHÕES E BANQUETES

Telefone 43953 • Santo Cristo • 4960 MELGAÇO

Adega Regional «Sabino»

DE: Manuel Augusto de Castro

ALMOÇOS • JANTARES • CHURRASCOS
SARDINHA ASSADA
BACALHAU NA BRASA E PETISCOS

Largo Herm. Solheiro • Telef. 44576 • 4960 MELGAÇO



MARMOVIANA

Sociedade de Mármoreiros de Viana, Lda.

Na arte funerária e decorativa – Granitos nacionais e estrangeiros

Av. do Mar, 1296 • Tel. 058-835895 • Areosa – Viana do Castelo

O P. Carlos visto pelo seu espólio epistolar

III

Foi ele que conseguiu que os emigrantes portugueses pudessem documentar-se



A crise internacional de 1929 iniciada nos USA, ao depois alargada a todo o globo, a Guerra Civil de Espanha e, a seguir, a IIª Grande Guerra impediram, anos a fio, que os emigrantes portugueses pudessem procurar trabalho lá fora.

A fome, enormes dificuldades, uma crise social intensa, a falta de obras públicas em larga escala em Portugal, traziam consigo um mal estar generalizado.

A reforestação do país, estão iniciada, deu colocação a uns quantos, mas os outros só puderam respirar, quando, após a IIª Grande Guerra, uma vez assinada a paz, puderam fixar-se nos territórios devastados pela guerra. Só que então os portugueses não podiam emigrar, a pretexto de que eram necessários em Portugal e no Ultramar, então numa colonização a todo o pano.

Os interessados não se resignaram e meteram-se a caminho por serras e vales, sem documentação e evitando o mais possível a polícia espanhola. É que esta devolvia-os a Portugal.

O dilema tornava-se, de dia para dia mais difícil e os emigrantes portugueses viam-se

em dificuldades por lhes não ser possível documentarem-se. O P. Carlos tentou o impossível junto do ministério da Justiça, enquanto as autoridades locais, pelo visto se mantinham quietas e silenciosas ou, então, o seu trabalho e influência eram nulos, o que seria incompreensível.

Persistente como era, meteu-se a caminho e foi a Lisboa. Escreveu e pressionou entidade, entre elas o Ministro da Justiça.

O esforço resultou em cheio, aliás pelo visto com inteira alegria do próprio ministro.

Pedro Correia Marques, director do Diário de Lisboa, «A Voz» escreveu-lhe a carta, que

a seguir publicamos, na qual lhe dá a boa nova de que o Ministro da Justiça lhe dissera que o problema estava, finalmente, solucionado. Graças ao P. Carlos, disse ainda o ministro.

Já vimos que ele internava rapazes carecidos de ajuda e educação, a pedido de amigos, conseguiu a estrada florestal de Melgaço para Fiães, esmolava dinheiro de benfeitores para ambulâncias e colocava rapazes em empregos públicos. E o mais que ainda veremos, querendo Deus.

O facto destaca a estatura intelectual e moral do P. Carlos, a coragem e persistência em bater-se pelos outros, a protecção e ajuda que o Alto lhe dava através dos homens resolvendo-lhe os problemas.

Eis a carta.

*Meu querido amigo
 Desejo-lhe muito boas
 festas e um Ano Novo muito
 feliz.
 Tenho uma boa notícia. O
 Ministro da Presidência acaba de
 me dizer (através da comunicação) de
 vel ministro de Justiça, mas não
 uma amostra p. todos os portu-
 gues que estão indocumentados em
 França. Receberão em Paris o documen-
 to respectivo. Diz-me o Sr. Minis-
 tro que isto foi obra sua.
 Parabéns, porque sempre o
 desejara e era tão digno de um
 abraço e um sorriso.
 Pedro Correia Marques
 Luís de Castro*

Santa Casa de Melgaço

Cont. da pág. 7

provedores com as receitas passadas pelos médicos para que o provedor pusesse a assinatura na receita para a farmácia aviar a receita. Vi-o muitas vezes.

Quando eu era garoto e meus pais caseiros na quinta da Calçada, por diversas vezes vi pessoas à procura do provedor Duarte de Magalhães para visar as receitas e muitas vezes, observei a senhora D. Sérgia, essa boa senhora, a pedir ao marido para que atendesse essa suplica. Havia muita pobreza nesse tempo.

Em três de Setembro de 1944, o senhor provedor informa que o Capelão Rv. P. António de Jesus Rodrigues deixa as funções, em virtude de ter sido nomeado pároco da freguesia de Ceivães. É de salientar que foi este sacerdote o primeiro a exercer as funções de Capelão da Misericórdia e pároco da vila. Até então a Misericórdia teve sempre Capelães privativos.

Por esta altura, por motivo de doença, o Sr. Aurélio de Azevedo Araújo, que há muito exercia

as funções de tesoureiro da Mesa, é substituído pelo irmão José Maria Pereira.

Em princípios de Outubro de 1944, as irmãs de caridade que prestam serviço no hospital da Misericórdia, queixam-se à Mesa de que não têm a assistência religiosa estabelecida no contrato. Para atender esta reclamação a Mesa resolve estabelecer um contrato com o novo Capelão, P. Justino Domingues, para que, além das missas ao Domingo, alternadamente na Igreja da Misericórdia e do Convento, que nesse tempo pertencia à Misericórdia, dizer também uma missa num dos dias da semana na Capela do Hospital, com o vencimento de 1.200\$00 escudos anuais, divididos em 4 prestações com a incumbência de fazer as cerimónias da Semana Santa e, no dia da Visitação, a festa da padroeira Nossa Senhora das Misericórdias, e as missas dos Domingos seriam para serem aplicadas por conta das três missas por cada irmão falecido.

(Continua)

Marcer

Jornal "A Voz de Melgaço" de 01-04-95

ENGIMINHO

Construções e Empreendimentos, S.A.

Conservatória do Registo
 Comercial de Melgaço
 Nº de matrícula 112
 Nº de inscrição 1
 Nº e data Ap. 02/160395

Certifico que foi depositada a acta onde foram nomeados os membros do conselho de administração e fiscalização para o quadriénio 1995-1998.

Conselho de administração - Presidente: Benjamin António Gonçalves, solteiro, maior; Vogais: Ludovina Maria Gomes de Sousa, solteira, maior; Dr. José Carlos Gonçalves Torres, soltei-

ro, maior; Alberto José Domingues, casado; e Eng.º Manuel Luís Vergara Vaz, casado.

Conselho fiscal - Presidente: Dr. Manuel Joaquim Domingues, casado; Vogais: Dr. Sidónio Silvestre da Silva Soares de Sousa; e Dr. Romeu José Fernandes da Silva, casado, revisor oficial de contas. Vogais Suplentes: Eng.º José Fernando Alves, casado; e Dr. António José dos Anjos, casado, revisor oficial de contas.

Conservatória do Registo Comercial de Melgaço, 16 de Março de 1995
 O Conservador: Abel Augusto Vaz

A Barragem «Do Cella», porquê e para quê!? (2)

Não me parece lógico que se pretenda que Melgaço deveria ser adulterado (alterado) para se poder iluminar muros e fortalezas quando ninguém solicita a vista!! Porque todo o mundo dorme!!

Há países muito mais ricos, que o nosso, e que exportam electricidade, onde em pequenas vilas a luz pública é cortada à meia noite! E ainda há menos lâmpadas, espalhadas pelo meio de pinheiros e ou de carvalhos, que ardem toda a noite. Aqui há matéria para reflexão para economistas e economizadores que contentarão todo o mundo sem provocação de estragos, na natureza e de energia eléctrica!

Além disto, existem, decerto, sítios para construir barragens - nas zonas montanhosas - onde a desfiguração da paisagem e o desequilíbrio climático só podem estragar a vida de alguns penedos.

A barragem ou uma barragem, que adulterará Melgaço, deve ser proscrita das mentes dos Melgacenses e de outros.

Deve-se apostar num desenvolvimento não hipotético e com bases económicas diversificadas; desenvolvimento «doce» e não brutal ou alterador. Os Melgacenses souberam realizar um desenvolvimento, em todos os sentidos,

sem adulterar a região. Apenas se poderá constatar que algumas discordâncias surgiram na construção, porque faltou capacidade das autoridades em relação, mas sem impacto importante, pelo momento.

Se Melgaço parasse de se desenvolver da maneira atrás citada (documente) e conforme a tradição, firme e constatável, seria porque a estagnação já haveria atingido muitas outras vilas do país e da Europa! Mas se a opção industrial a todo o transe - que não é certa nem eterna, apesar de muitos inconvenientes - fosse tomada pelos Melgacenses, a vila e o concelho perderiam o «facto» que os séculos lhes confeccionaram docemente, e não seria Melgaço... Seria outra coisa, com outra mentalidade - menos sã - e a cultura seria profundamente diferente, etc.... Seria uma vila e ou um concelho industrializado, em detrimento das afinidades terrunhas e populares. Diga-se mesmo, em detrimento da verdadeira qualidade de vida, que não é a que se baseia mormente na posse... no dinheiro!

É fácil para um Monçanense, para um Vianense, para alguém do Porto e de Lisboa, etc., sustentar e apoiar a ideia de que a barragem não é prejudicial para

Melgaço... Não estão preocupados!! Ou não se sentem preocupados!!

Acho curioso e paradoxal que, ao sujeito do desenvolvimento do concelho, certas pessoas se contentem de constatar que o vinho verde «é vendido à candonga, tal como o bagaço», sem proporem medidas, ou ideias, próprias para constriar tal estado de coisas, continuando a proclamar incondicionalmente um desenvolvimento turístico hipotético e aleatório... Mas o vinho e o bagaço não são hipotéticos! São dois produtos típicos de Melgaço; são elementos concretos, palpáveis! Exponham-se ideias para que a promoção destes produtos possa ser principiada e continuada até uma conclusão positiva; o que não impede de continuar a obrar também para a opção turística, complementar.

É pura utopia, no entanto, imaginar que o concelho - 14 ou 15 mil habitantes - poderia viver essencialmente do turismo.

Mais, em vez de se fazerem piscinas que apenas 5% da população utilizará e que, depois de feita, vai custar dinheiro ao povo para ser mantida em funcionamento, faça-se, com esse dinheiro, a promoção dos produtos já existentes - con-

cretos - e turísticos. Isto seria gestão benéfica para todos os Melgacenses!!!

Será bom que, quando se fale e ou quando se escreva sobre sujeitos de tal tipo - do desenvolvimento ou da barragem - as críticas sejam acompanhadas e ou baseadas sobre elementos e ou ideias substituíveis. E no que concerne à barragem também há possibilidades, já existentes, que conviriam tão bem ou melhor que um lago artificial.

Conheço pessoalmente uma zona do rio Minho, que é bem conhecida de muitos, que faz cair a escora do turismo que se tenta segurar e manter para sustentar a construção da barragem, e isto só tem vantagens

Existe uma porção do rio com mais de um quilómetro de lonjura, da qual metade tem uns 30 a 40 metros de largura em média, o resto é algo menos largo. É evidente que, se aparecessem grandes turmas de turistas, esta zona seria fácil de pôr em condição de os receber, melhor que um lago artificial.

Para lá já foi, há anos, aberto um caminho-estrada que confina a uns 20 metros do rio: é esta zona entre o muralhão do Louridal e o Conle. E de cada lado do muralhão, e noutros sítios, o

terreno natural é fácil de condicionar e já tem arvoredo. É é pertinho da Vila! Aqui está a solução para que Melgaço receba as «turmas» de turistas, campistas e outros, sem estragar nada mais, ao contrário, valorizando algo!

O muralhão constitui, por si, uma curiosidade, é monumental. Além disto, tem capacidade para receber uma construção, um restaurante por exemplo. A sete ou oito metros mais alto que o rio e que o terreno, seria panorâmico sobre a maior parte da dita zona.

Se os desportistas náuticos não pretendem servir-se destes desportos em barcos do tamanho do velho «Santa Maria», aí têm lugar para tal efeito, e, os que se quiserem banhar gozarão de água não estancada e com temperatura normal, natural.

O muralhão, a mais de um restaurante, ou sem ele, poderia ser gradeado para que os turistas pudessem apreciar e admirar a bela natureza.

Mais, este sítio do rio também atesta a sua antiga história, pois, logo acima do muralhão, há uma ilha nomeada Alduzenda, nome que derivou do Árabe al-tjezira=(a ilha).

Cont. na pág. 10

ENGINHINHO

Construções e Empreendimentos, S.A.

Conservatória do Registo Comercial de Melgaço
Nº de matrícula 112
Nº de inscrição 1
Nº e data Ap. 02/950316

Certifico que por escritura de 6 de março de 1995 a fls. 57v. do livro 120-B do Cartório de Melgaço foi constituída a sociedade anónima em epígrafe que se rege pelos seguintes artigos:

CAPÍTULO PRIMEIRO

Denominação, sede, objecto e duração.

Artigo primeiro
 Denominação

A sociedade adopta a denominação ENGINHINHO - Construções e Empreendimentos, S.A., e rege-se-á pelo presente contrato e pela legislação aplicável.

Artigo segundo
 Sede e representação

Primeiro - A sociedade tem a sua sede na Av. da Barbosa, da freguesia de Vila e concelho de Melgaço.

Segundo - A sede social pode ser deslocada dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, por simples deliberação do conselho de administração.

Terceiro - A sociedade, também por simples deliberação do conselho de administração, pode criar, transferir ou encerrar sucursais, agências, delegações, bem como quaisquer outras formas de representação, no território nacional ou no estrangeiro.

Artigo terceiro
 Objecto

O objecto da sociedade é: Promoção de empreendimentos e investimentos nomeadamente construções e obras públicas: Serviços de engenharia; Execução de instalações; Aluguer de máquinas e equipamento; Compra e venda de imóveis e revenda dos adquiridos para esse fim; Indústria da madeira e da cortiça; Produção e distribuição de electricidade, gás e água; Comércio e reparação de veículos e bens de uso pessoal e doméstico; Comércio e fornecimento de materiais de construção; Actividades turísticas e hoteleiras; Formação profissional e cedência de mão de obra especializada.

Artigo quarto
 Duração

A duração da sociedade é por tempo indeterminado a contar desta data.

CAPÍTULO SEGUNDO

Capital, acções e obrigações

Artigo quinto
 Capital social

O capital social é de dezasseis milhões de escudos, dividido e representado por dezasseis mil acções, integralmente subscrito e realizado em dinheiro.

Artigo sexto
 Representação do capital social

Primeiro - O capital social é representado por dezasseis mil acções de mil escudos cada uma.

Segundo - As acções são escriturais ficando sujeitas ao regime das acções ao portador.

Terceiro - Haverá títulos de uma, cinco, vinte, quarenta, cinquenta, oitenta, cem, quinhentas e mil acções, sendo permitida a sua concentração ou divisão, podendo o conselho de administração emitir certificados provisórios ou definitivos representativos de qualquer número de acções.

Quarto - As despesas com o desdobramento dos títulos correrão por conta dos accionistas que o requeirerem.

Quinto - Mediante deliberação prévia da assembleia geral e a pedido do accionista interessado, poderá ser

autorizada a conversão de acções escriturais em tituladas e vice-versa, as despesas de conversão serão suportadas pelos accionistas interessados, a menos que a assembleia geral delibere de forma diversa.

Artigo sétimo

Aumento de capital

Primeiro - O aumento do capital social depende da deliberação da assembleia geral.

Segundo - Quando haja aumento de capital, os accionistas terão, na proporção das acções que possuem, direito de preferência, quer na subscrição das novas acções quer no rateio daquelas relativamente às quais tal direito não tenha sido exercido.

Artigo oitavo

Obrigações

Mediante deliberação da assembleia geral, a sociedade poderá emitir obrigações e outros títulos de dívida, nos termos da legislação em vigor.

CAPÍTULO TERCEIRO

Órgãos sociais

Artigo nono

Estrutura

Primeiro - Os órgãos sociais são a assembleia geral, o conselho de administração e conselho fiscal.

Segundo - O mandato dos membros da assembleia geral, do conselho de administração e do conselho fiscal tem a duração de quatro anos, sendo permitida a sua renovação por uma ou mais vezes.

Terceiro - Os membros dos órgãos sociais consideram-se empossados logo que tenham sido eleitos e permanecem no desempenho das suas funções até à eleição de quem deva substituí-los.

Secção primeira

Assembleia geral

Artigo décimo

Composição

Primeiro - A assembleia geral é formada por todos os accionistas com direito a voto.

Segundo - Cabe um voto a cada grupo de oitenta acções.

Terceiro - Os accionistas sem direito a voto e os obrigacionistas só podem assistir às assembleias gerais e participar na discussão dos assuntos indicados na ordem do dia, se o presidente da mesa os autorizar, antes do início dos trabalhos.

Quarto - Além dos accionistas com direito a voto, tem o direito a participar na assembleia geral, embora não possam votar, as pessoas que exercem cargos nos órgãos sociais.

Quinto - Os restantes accionistas deverão indicar, por carta dirigida ao presidente da mesa, com assinatura reconhecida notarialmente, quem os representará na assembleia geral.

Artigo décimo primeiro
 Competência

Compete à assembleia geral:

Primeiro - Deliberar sobre o relatório do conselho de administração, discutir e votar o balanço e as contas e o parecer do conselho fiscal e deliberar sobre a aplicação dos resultados do exercício.

Segundo - Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade e, se for caso disso, e embora esses assuntos não constem da ordem de trabalhos, proceder à destituição, dentro da sua competência, ou manifestar a sua desconfiança quanto a administradores.

Terceiro - Eleger a mesa da assembleia geral, os administradores e os membros do conselho fiscal.

Quarto - Deliberar sobre quaisquer alterações sobre estatutos e aumentos de capital.

Quinto - Aprovar a emissão de obrigações e outros títulos de dívida.

Sexto - Deliberar sobre as deliberações de titulares de órgãos sociais.

Sétimo - Tratar de quaisquer outros assuntos para os quais tenha sido convocada e para os que a lei lhes confira tal competência.

Artigo décimo segundo

Mesa

A mesa da assembleia geral é composta por um presidente, por um vice-presidente e por um secretário.

Artigo décimo terceiro

Convocação

Primeiro - A assembleia geral é convocada pelo presidente da respectiva mesa.

Segundo - A convocação da assembleia geral faz-se, mediante carta registada ou publicação, com a antecedência mínima de trinta dias e com a indicação expressa dos assuntos a tratar e demais elementos a que se refere o artigo treze e setenta e sete do Código das Sociedades Comerciais.

Artigo décimo quarto

Reuniões

A assembleia geral reúne pelo menos uma vez por ano e sempre que os órgãos sociais com competência para tal assim o deliberem, ou quando o requeirer um ou mais accionistas que possuam acções correspondentes a, pelo menos, cinco por cento do capital social.

Secção segunda

Conselho de administração

Artigo décimo quinto

Composição

Primeiro - O conselho de administração é composto por três ou cinco membros, conforme for deliberado em assembleia geral que procede à eleição.

Segundo - A assembleia geral que eleger o conselho de administração designará qual dos seus membros exercerá as funções de presidente do órgão.

Terceiro - Poderá o conselho de administração delegar num administrador a gestão corrente da sociedade nos termos permitidos por lei.

Quarto - O accionista ou grupo de accionistas que detenham, pelo menos, vinte e cinco por cento do capital social, caso votem contra a proposta que faça vencimento na eleição dos administradores, terão o direito de designar um administrador, nos termos do número seis do artigo treze e nove e de dois do Código das Sociedades Comerciais.

Artigo décimo sexto

Competência

Compete designadamente ao conselho de administração:

Primeiro - Gerir os negócios sociais e praticar todos os actos e operações respeitantes ao objecto social que não caibam na competência atribuída a outros órgãos da sociedade.

Segundo - Representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, podendo desistir, confessar e transigir em quaisquer pleitos e, bem assim, celebrar convenções de arbitragem.

Terceiro - Adquirir, vender, ou por outra forma alienar ou onerar direitos ou bens móveis ou imóveis e participações sociais.

Quarto - Estabelecer a organização técnico-administrativa da sociedade e as normas de funcionamento interno, designadamente quanto ao pessoal e à sua remuneração.

Quinto - Nomear directores e constituir mandatários fixando-lhes os poderes que julgar convenientes.

Sexto - Exercer as demais atribuições que lhe sejam cometidas pela lei ou pela assembleia geral.

Artigo décimo sétimo

Competência do presidente

Primeiro - Compete especialmente ao presidente do conselho de administração:

a) - Representar o conselho de administração.

b) - Coordenar a actividade do conselho de administração, convocar e dirigir as suas reuniões.

c) - Exercer o voto de qualidade.

d) - Zelar pela correcta execução das deliberações do conselho de administração.

Segundo - Nas suas faltas ou impedimentos o presidente será substituído pelo vogal do conselho de administração que for designado para o efeito.

Artigo décimo oitavo

Reuniões

O conselho de administração fixará as datas ou a periodicidade das suas reuniões ordinárias e reunirá extraordinariamente sempre que seja convocado pelo presidente, por sua iniciativa ou a solicitação de dois administradores.

Artigo décimo nono

Deliberações

Primeiro - O conselho de administração não pode deliberar sem que esteja presente a maioria dos seus membros em exercício, salvo por motivo de urgência, como tal reconhecida pelo presidente, caso em que os votos podem ser expressos por correspondência ou por carta passada a outro administrador.

Segundo - As deliberações do conselho de administração constarão sempre de acta e serão tomadas por maioria dos votos presentes ou representados, tendo o presidente, ou quem o substituir, voto de qualidade.

Artigo vigésimo

Vinculação da sociedade

Primeiro - A sociedade obriga-se: a) - Pela assinatura conjunta de dois membros do conselho de administração;

b) - Pela assinatura do administrador-delegado, dentro dos limites delegados pelo conselho de administração;

c) - Pela assinatura de um dos administradores e de um director ou mandatário, no âmbito dos poderes que lhe tenham sido conferidos.

Segundo - Em assuntos de mero expediente basta a assinatura de um administrador, director ou mandatário.

Terceiro - O conselho de administração pode deliberar, nos termos legais, que certos documentos da sociedade sejam assinados por processos mecânicos ou chancela.

Secção terceira

Conselho fiscal

Artigo vigésimo primeiro

Composição

O conselho fiscal é composto de um presidente, de dois vogais efectivos e dois suplentes.

Artigo vigésimo segundo

Competência

1 - Compete, designadamente, ao conselho fiscal:

a) - Exercer, em geral, a fiscalização da actividade social;

b) - Examinar, sempre que o julgar conveniente, a escrituração da sociedade;

c) - Acompanhar o funcionamento da sociedade, bem como o cumprimento dos estatutos e das normas legais regulamentares que lhe sejam aplicáveis;

d) - Emitir pareceres acerca do orçamento, do balanço, do inventário e das contas anuais;

e) - Dar conhecimento ao conselho de administração para qualquer assunto que deva ser ponderado e pro-

nunciar-se sobre qualquer matéria que lhe seja submetida por aquele órgão ou pela assembleia geral;

f) - Exercer as demais atribuições que lhe sejam cometidas por lei.

Segundo - Quando o considere indispensável o conselho fiscal poderá propor à assembleia geral a contratação de técnicos especialmente designados para coadjuvarem nas suas funções.

Artigo vigésimo terceiro

Deliberações

As deliberações do conselho fiscal constarão sempre de acta e serão tomadas por maioria dos votos expressos, estando presente a maioria dos seus membros em exercício.

Artigo vigésimo quarto

Aplicações dos resultados

Os lucros líquidos anuais, devidamente aprovados, terão a seguinte aplicação:

a) - Um mínimo de dez por cento para constituição ou reintegração da reserva legal, até atingirem o mínimo exigível;

b) - Uma percentagem a distribuir pelos accionistas, a título de dividendos, a qual, no caso de não se observar distribuição mínima prevista na lei, deverá ser fixada, em assembleia geral, por uma maioria de três quartos dos votos dos accionistas presentes ou representados;

c) - Uma percentagem a atribuir, como participação nos lucros, aos trabalhadores e aos membros do conselho de administração, segundo critérios a definir pela assembleia geral;

d) - O remanescente para os fins que a assembleia geral deliberar.

CAPÍTULO QUINTO

Disposições finais

Artigo vigésimo quinto

Dissolução e liquidação

Primeiro - A sociedade dissolve-se nos casos e nos termos legais.

Segundo - A liquidação da sociedade rege-se-á pelas disposições da lei e pelas deliberações da assembleia geral.

Artigo vigésimo sexto

Normas supletivas

Em todo o omissio serão observadas as normas aplicáveis às sociedades anónimas.

Artigo vigésimo sétimo

Levantamento das entradas de capital

O conselho de administração fica desde já autorizado, ao abrigo do disposto na alínea b) do artigo duzentos e setenta e sete do Código das Sociedades Comerciais, a levantar as entradas de capital depositadas na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço com a finalidade de serem iniciados de imediato, os negócios e nomeadamente, para:

a) - Pagamento de encargos de constituição, publicação e registo da sociedade;

b) - Pagamento de salários e remunerações;

c) - Pagamento de equipamento da sede e instalações;

d) - Pagamento de outras despesas de investimento.

Artigo vigésimo oitavo

Foro competente

Para todas as questões emergentes do presente contrato de sociedade, designadamente entre a sociedade e os accionistas, fica expressamente estipulado o foro da comarca da sede social, com expressa renúncia a qualquer outro.

Está conforme o original.

Conservatória do Registo Comercial de Melgaço, 16 de Março de 1995
 O Conservador: Abel Augusto Vaz

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

A Cândida e o António Ranhada pintaram por aqui. Vieram pôr em ordem os interesses que ainda tem por cá. Segundo eles a correria tem sido grande, muitos assuntos pendentes e o calor infernal deste verão deixa-os zonzos e com muita sede. Só fazem beber água e com isso engordar...

Dois meses após a chegada é que tiveram tempo para uma fugidinha a nossa casa. Mas valeu! A Cândida, intelectual que só ela, trouxe-nos o livro «Salazar/ Caetano - Cartas Secretas», que vamos ler com atenção. Já o António ofereceu-nos uma garrafa de whisky especial. Também valeu.

A palração do encontro rodou em torno da vida deles e da actual situação em Portugal. Quando a conversa chegou a Melgaço o Ranhada ficou furo da vida. Descarregou toda a ira contra as autoridades camarárias e contra o senhor Sousa Cintra, pelo abandono em que continua o seu querido Peso. O descaço a que foi relegada a Estância Termal é algo criminoso. Quando da visita do Sr. Presidente da República o dono da concessão prometeu fundos e fundos mas ficou só na conversa. O António não poupou ninguém, mais isto, mais aquilo, patatá, patatá... Se eu fosse escrever tudo que ele, no auge da irritação, disse, seria processado criminalmente junto com ele e a cadeia seria o desfecho.

Para amenizar, a Cândida falou da família e do bem querer que lhe devotam. Desta vez o Nuno ficou em segundo plano, a Joana foi o tema preferido. As brincadeiras que ela faz no Natal vestindo-se de Papai Noel e distribuindo as prendas a crianças e adultos. Na passagem do ano as indumentárias que veste simbolizando o Ano Velho e depois o Ano Novo. E no Carnaval, fantasiando-se e mascarando-se sem os demais darem conta e depois querendo que adivinhem quem é. Só a Cândida adivinhou pelo broche (alfinete) mal escondido debaixo da fantasia. Boa observadora esta garota: cuidado com ela Joana! Sem conhecermos a mulher do Nuno, eu e a Guida ficamos fás desta alegre, extrovertida e feliz Joana. Parabéns. Claro que entreteendo todos os assuntos a Leonora, o Messias e especialmente a Clarisse, a neta mais dengosa do mundo, estiveram presentes.

No domingo, 10 de Março, almoçamos na Casa do Minho. A Argentina Aline, da estirpe dos Violas, também. Promove uma sessão nostálgica melgacense. Ela levava fotografias do acervo da avó, retratando a vila de antigamente. O Zé Carcereiro, a mulher, Carolina Violas, os pais da Aline, a avó, a Ofélia do Hilário e a filha Sarinha, o Abel Barrenhas e a Joaquina, o tio Emiliano e uma porção de crianças que não soubermos precisar a não ser ela, todos jovens e alegres. Em duas fotografias a Feira Nova aparece repleta de gente mais encostada à Praça do Peixe, dum lado, à casa da Carolina do outro, e à Câmara lá no fundo. O espaço do largo estava vazio apenas uma mesa em determinados lugares. Uns carros em fila lá em cima, ao lado da casa paroquial, chamaram minha atenção. Estudando com atenção aquelas fotografias concluí que se tratava de uma ginca de automóveis.

Ventura, toma nota para o arquivo municipal: em 1931 houve uma ginca de automóveis na Feira Nova. Procura mais detalhes e o número de carros participantes que não passariam de três ou quatro, suponho.

O português é um componente genético que se manifesta após algumas gerações de incubação, com grande intensidade. É bom frisar que essa manifestação mais se nota nos indivíduos nascidos fora do território português. Mesmo porque, doutra forma não teria sentido uma vez que quem nasce em Portugal ainda que não queira é português, mais ou menos ou até nada patriota, é bem verdade.

Para ilustrar deixem narrar-lhes um caso significativo.

Em 1991 foi publicada no jornal «Mundo Português» uma reportagem a respeito dum painel em azulejos pintado por mim. Na cidade de São Paulo alguém se interessou e através da redacção do jornal conseguiu meu endereço e escreveu-me. A pessoa estava interessada num painel igual a um existente em determinada parede naquela cidade, algo antigo, feito em Portugal.

Orientei que, fotografando o referido painel, talvez houvesse condição de o reproduzir. Fez conforme sugeri e realizei o trabalho. Reproduzi com bastante semelhança o quadro representando caravelas navegando, enquadradas numa cercadura manuelina.

O cidadão de tal modo ficou satisfeito e empolgado que, tempo depois, me encomendou uma placa de cerâmica, em estilo bem português, comemorando o nascimento de seu primeiro filho, Henrique.

Nos contactos por telefone e por carta (não nos conhecemos pessoalmente), declinou a sua condição de advogado recém-casado. Os contactos tomaram-se conversas de amigos e veio a história que vou contar.

O Dr. Fernando, é este o nome, neto de português, sempre sentiu uma atracção espontânea pelas coisas e história de Portugal. Surgiu a deliberação do governo português concedendo a nacionalidade aos descendentes nascidos noutros países. Mais que depressa o advogado tratou de requerer a sua nacionalidade portuguesa. Para tanto primeiro tinha de requerer para seu pai que não estava tão interessado. Pois bem, foi a Leiria e após demarches de investigação conseguiu a certidão de nascimento de seu avô. Na condição de casuístico soube driblar os meandros da lei e em curto prazo conseguiu a nacionalidade portuguesa para o pai. Uma vez filho de português, requereu a sua cidadania que, conseguiu com certa facilidade, para desespero de outros que há anos esperam a liberação de seus casos. No mesmo passo requereu e foi-lhe fornecida a nacionalidade portuguesa para seu filho recém-nascido.

A empolgação e a vaidade do Dr. Fernando não conhece limites. O que até então fazia timidamente, passou a fazer parte de sua rotina: engajamento nos acontecimentos sócio-culturais da comunidade Luso-Brasileira. Está actualmente empenhado, com outros elementos, na organização do «Liceu Português», cujo curriculum de história, língua portuguesa e cultura portuguesa tenham equivalência nos dois países.

A última do Luso-Brasileiro, Dr. Fernando, foi a aquisição de um cão, filhote, de raça genuína portuguesa, com pedigree e documentação. Ele disse o nome da raça, cien-

tífico e vulgar mas, sinceramente, não antei, não é meu forte o interesse por cães.

O cachorro chegou de Portugal de avião com todas as mordomias, recepcionado com todas as honras e instalações primorosas para uma longa e proveitosa existência. Para empinar a porta do canil encomendou-se uma placa no estilo clássico português. Já está pronta. Contornada com arabescos, escudos e brasão em azul e amarelo, a figura dum cão que espero seja parecida com o dito cujo, o nome completo e alcunha, como consta do registo internacional: «HONRADO INFANTE DE TORRES - LUSO».

Talvez haja quem ache estas atitudes demagógicas ou baboseiras, cá por mim aplaudo freneticamente, sem interesse monetário, tanto que as placas para o filho e para o cão foram oferta.

Não sei porque cargas d'água atrasei a minha correspondência. Ainda resultado das datas festivas quando a correspondência é maior e o tempo para expediente menor. Dar atenção aos netos gastou muito tempo. Peço desculpas aos amigos, Manuel Durão, Manuel Cortes, Rogério, Armando Malheiro, Maria José e aos membros da família em França. Também ao António Pires, em São Paulo; este amigo habituou-nos à sua colaboração e de repente silêncio. A todos prometo resposta para breve. Enquanto isso, abraços e queiram-se bem.

Ventura, acabo de receber a tua carta e as fotografias maravilhosas que enviaste. Aquela da capela da Sra. da Graça dá uma reprodução em tela a óleo. A propósito: quando der jeito vai fotografando todas as capelas do nosso concelho procurando ângulos artísticos. Seria uma boa colecção de quadros. Já agora, atrevo-me a ser mais chato, ainda, fotografa todos os fontanários nos mesmos moldes artísticos e envia para o Rogério, em Lisboa. Ele fará a série «Fontes» e quem sabe, nós dois faremos uma surpresa a todos os conterrâneos?

Ainda sobre as fotografias: fiquei encabulado com duas. A da estátua da Inês Negra, que não consegui entender, e a das piscinas. A primeira, por favor, tira outra detalhada; a segunda só se vêem paredes e telhado. Aliás é a terceira que me chega às mãos e nada de água... Acho modernismo demais piscina seca...

Brincadeira, Presidente Rui Solheiro, mas, convenhamos, é necessário mostrar a área líquida onde a nossa juventude sadia praticará os esportes aquáticos. Para aquela série, Capelas e Fontes, arrume uma verba extra para o Ventura não gastar todo o salário em filmes e revelações fotográficas. Um abraço.

Rio, 15-3-95

Lourdes Flores, Arquitecta

A senhora e o senhor Manuel José Flores (Outeiro, S. Paio) têm o prazer de dar a conhecer que a filha deles Lourdes Flores obteve, no dia 17 de Fevereiro de 1995, em Paris, o diploma de arquitecta, com as felicitações do júri. Este júri era constituído por:
- Mme. Edith Girard; arquitecta e professora na escola de arquitectura de Paris;
- M. Henri Ciriani; arquitecto e professor na escola de arquitectu-

ra de Paris;
- M. Fernando Tavora; arquitecto e professor na escola de arquitectura do Porto, que teve a amabilidade de fazer a viagem até Paris;
- M. Eduardo Do Prado Coelho, adido cultural na embaixada de Portugal em Paris.
O sujeito do trabalho pessoal foi o seguinte:
- O projecto: Instituto Português em Lisboa.
- A tese: A rua em Portugal.

Engenheira Fernanda Domingues

Esta nossa conterrânea, natural de Alcobaca, Fiães, foi colocada na zona Agrária de Cabeceiras de Basto, zona dependente da Direcção Regional da Agricultura.

A Engenheira Fernanda Domingues trabalha em Cerva, Ri-

beira de Pena, no emparcelamento. Saudamos a jovem engenheira, desejamos-lhe os maiores êxitos profissionais e que, logo que possível, regresso às belas terras do Alto Minho, também necessitadas do trabalho agrícola do emparcelamento.

A Barragem «Do Cella», porquê e para quê!? (2)

Cont. da pág. 8

Mais, o Conle também tem a sua história, com raízes no latim. Em documentos do sec. XVIII (1735) era ainda escrito «Coule» (cf. «O meu Livro das Gerações Melgacenses», de Augusto César Esteves, p. 541 V. 1). Ora, o nome «Caulae» (Caulé) designava um sítio (parque) onde se metiam as ovelhas (recinto). Sítio em forma escavada naturalmente; espécime de grande buraco natural. (Aliás, «Caulae Palati», indicava o «Céu da boca»). Sítios utilizados para meter ovelhas de noite, para as proteger.

De facto, o sítio corresponde bem às definições dadas por dicionários de latim; é uma cavidade comprida de uns 200m (chega ao rio) e larga de uns 50m, em média. Propriedade do Sr. José Pinto, presidente da junta de Chaviães. (Definições in dicta. Latim-Francês, por Fr. Noel, Paris 1822; e Hachette, Paris 1899).

Espero que todos estes elementos e argumentos oferecidos aos pro-baragem razões concretas e próprias para que a combatam a fim de que uma barragem nunca seja feita entre a Frieira e a Foz do Minho.

Eu também apoio o aliciamento de turistas e outras fontes de desenvolvimento económico para a nossa Terra, mas não a qualquer preço! Mas não se deve adular o nosso Torraão!!!

Aliás, além dos nevoeiros de raionamento, provocados pelo arrefecimento do solo, geralmente de noite, haverá mais nevoeiros provocados pela condensação da água, visto que a massa desta, em surface, seria 5 ou 6 vezes mais importante que a que corre hoje no rio. Ora o nevoeiro poderia ser de igual importância, a mais.

Mas haveria também aumento dos orvalhos que, em relação com a quantidade de água, são provocados quando o vapor de água aumenta e que a temperatura fica constante, estável; e quando a temperatura baixa e que a quantidade de vapor de água não varia (dados da Meteorologia Nacional Francesa).

Além disto, também é possível que tal massa de água, entancada sobre tantos quilómetros, tenha incidência sobre as trovoadas, visto que «as precipitações (chuvas) trazidas por uma trovoadas provocam um arrefecimento, e a trovoadas termina-se quando este arrefecimento pára os movimentos ascendentes — que sobem — do ar». Ora, como a massa de água seria mais fria que a do rio natural, o vale do Minho poderia ser privado dum parte importante da chuva das trovoadas, que são necessárias e que são parte importante do equilíbrio climático local.

Paris, Novembro de 1994
Francisco M. da Cunha.

O Dr. Adriano Marques de Magalhães, filho adoptivo de Baiona

O Dr. Adriano Marques de Magalhães nasceu em S. Gregório em 10 de Julho de 1925.

Fez os estudos primários e secundários em Portugal e em Espanha fez os estudos Universitários. Licenciou-se em Direito, é Graduado Social e é diplomado pela Escola Central de Idiomas.

Casou, na Galiza, com D. Rita de Jesus Rejojo, e do casal nasceram cinco filhos, todos com cursos superiores, à excepção do mais novo, que frequenta a Faculdade de Farmácia.

É Cônsul do Equador e Decano do Corpo Consular na cidade de Vigo.

Ultimamente o Conselho de Baiona nomeou-o, por unanimidade, filho adoptivo.

As razões de tal facto são estas: o Dr. Adriano bateu-se no Congresso de Deputados pelo lugar cimeiro que a Galiza deveria ter na



celebração do V centenário. O jornal galego «A Peneira», escreveu a propósito: «Pensamos que este Homem tem méritos suficientes para esta distinção, porque desde há muitíssimos anos está sempre presente como mais um baionês onde quer que soe o nome da Real Vila que acaba de o adoptar como filho». Parabéns ao querido amigo.

SOLIZENDE
Soc. de Construções, Lda.

CONSTRUÇÃO E VENDA

Vila Praia de Âncora A 200 METROS DO MAR

Apartamentos com

- Garagem
- Antena Parabólica
- Parque Infantil
- Gás Canalizado
- Aquecimento Central
- Vistas para o mar

Escritório:
Rua 5 de Outubro, 306
Tel/Fax (058) 951655
4915 - VILA PRAIA DE ÂNCORA